

A Vida de Annie R. Smith e os Efeitos da Desilusão Amorosa

Priscila Carvalho dos Santos¹

Introdução

Nos primórdios do movimento Adventista, um período de efervescência ideológica e busca espiritual, diversas figuras emergiram como pilares do desenvolvimento das doutrinas e fundamentos que definiram o que é hoje a Igreja Adventista. Ao longo dos anos, muito tem sido escrito e documentado sobre os pioneiros e fundadores desse movimento religioso que, por sua vez, deu origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia.² Entre essas figuras proeminentes, destaca-se Annie Rebekah Smith, cujo papel na história da igreja, embora breve, foi marcado por contribuições literárias e poéticas de grande relevância.

A história de Annie se entrelaça de maneira íntima com a de três dos fundadores mais notáveis do Adventismo: Tiago e Ellen G. White e José Bates. Além disso, sua vida foi profundamente influenciada pelo relacionamento com outro pioneiro crucial para o desenvolvimento doutrinário e missiológico da igreja, o talentoso John Nevis Andrews.

Annie Smith enfrentou ao longo de sua vida uma série de desafios e desapontamentos, os quais ela frequentemente expressava em seus poemas e escritos. Sua produção literária refletia não apenas suas próprias lutas e experiências, mas também sua visão de mundo e sua interpretação dos princípios adventistas.

Com este breve relato almeja-se não apenas explorar os eventos e circunstâncias que moldaram a vida de Annie R. Smith, mas também entender o impacto que sua presença teve na comunidade adventista da época e como suas contribuições continuam a ecoar na história da igreja até os dias atuais. Ao examinar mais de perto a vida e o legado de Annie Rebekah Smith, podemos obter insights valiosos não apenas sobre a história do Adventismo, mas também sobre temas mais amplos, como fé, resiliência, busca por significado na vida e os impactos da desilusão amorosa.

¹ *Priscila Carvalho dos Santos*. Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Especializada em Tradução e Legendagem. E-mail: pricansan@gmail.com

² KNIGHT, George R. 1844 and the rise of sabbatarian adventism. 1. ed. Hagerstown, MD, USA: Review and Herald, 1994. 192 p., 28 cm. ISBN 0828008507.

Annie R. Smith



Pintura de Annie Smith de Ofélia na peça Hamlet é acreditada ser um autorretrato.

Fonte: Cortesia do Ellen G. White Estate, Inc.

Annie Rebekah Smith nasceu em 16 de março de 1828, em West Wilton, New Hampshire. Filha de Samuel and Rebekah Smith, 4 anos mais velha que seu conhecido irmão Urias Smith e 4 meses mais nova do que a mulher mais conhecida no meio Adventista, Ellen G. White.³

Aos dez anos de idade, Annie passou por uma conversão e tornou-se membro da Igreja Batista. Em 1844, juntamente com sua mãe, ela optou por deixar essa igreja para concentrar sua vigorosa juventude na preparação para o Segundo Advento de Cristo.⁴ Como parte do movimento Millerita⁵ ela enfrentou a grande decepção em 1844, aos 16 anos de idade, quando o dia 22 de outubro se findou e Jesus Cristo não voltou. Após esse evento, ela voltou-se para o aprimoramento de sua educação e para o ensino.⁶

Nos próximos seis anos, entre 1844 e 1850, ela alternou entre lecionar em sete escolas de distritos diferentes e buscar seu próprio enriquecimento intelectual, frequentando, ao mesmo tempo, um trimestre em Milford, Hancock e New Ipswich, em

³ GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

⁴ Ibid.

⁵ Entre os anos de 1840-1844, surgiu nos Estados Unidos um movimento multidenominacional chamado milerita. Tal grupo baseava suas ideias em diferentes interpretações proféticas que resultou na proclamação do segundo advento de Cristo que segundo eles seria em 22 de outubro de 1844. O nome do movimento se deve ao seu líder mais proeminente Guilherme Miller.

⁶ Rebekah Smith, *Poems: With a Life Sketch of the Life and Experience of Annie R. Smith* (Manchester, New Hampshire: John B. Clarke, Printer, 1871), 97, Project Gutenberg, accessed December 30, 2019, <http://www.gutenberg.org/files/34752/34752-h/34752-h.htm>.

New Hampshire, e seis trimestres no Seminário Feminino de Senhoras em Charlestown, Massachusetts. Neste último lugar, ela se preparou para ser professora de pintura a óleo e francês.⁷

Um dia, enquanto desenhava uma imagem de Boston a partir do Prospect Hill em Somerville, ela exerceu muita pressão sobre os olhos e, durante oito meses, teve dificuldades para enxergar. Isso resultou em outra desilusão em sua vida, pois por causa desta enfermidade ela não conseguiu aceitar uma posição desejada em uma escola em Hancock, New Hampshire.⁸

Durante esse tempo, a única maneira de encontrar algum alívio para sua aflição foi se envolver como agente e colaboradora da "The Ladies' Wreath", uma revista mensal publicada em Nova York. Seus escritos para essa publicação, exceto por algumas peças divulgadas no "Odd Fellow" e em alguns outros jornais, representaram suas primeiras tentativas na escrita pública.⁹

Enquanto isso, a mãe de Annie começou a ficar preocupada com o forte interesse da filha por sucesso na literatura e na arte, que não estava alinhado com suas convicções religiosas. Quando José Bates, um pregador adventista, visitou a casa dos Smith em West Wilton, a mãe compartilhou suas preocupações com ele. Bates sugeriu que a mãe escrevesse para Annie convidando-a para suas reuniões em Boston. Na noite anterior à primeira reunião, tanto Bates quanto Annie tiveram sonhos semelhantes sobre o evento. No sonho todos os assentos da sala estavam ocupados, exceto um próximo à porta. O primeiro hino foi cantado, uma oração foi oferecida, outro hino foi cantado, e então, justo quando ele abriu sua Bíblia para pregar, a porta se abriu e uma jovem entrou, ocupando a última cadeira vazia. Depois de se perder a caminho da reunião, Annie chegou exatamente no momento previsto no sonho. Bates, lembrando de seu sonho, mudou o tema de sua pregação para se alinhar com a experiência de Annie. Após a reunião, ele reconheceu Annie como a filha da Sra. Smith e compartilhou sua própria experiência onírica. Annie ficou profundamente impressionada com esses eventos.¹⁰

⁷ Ibid.

⁸ GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

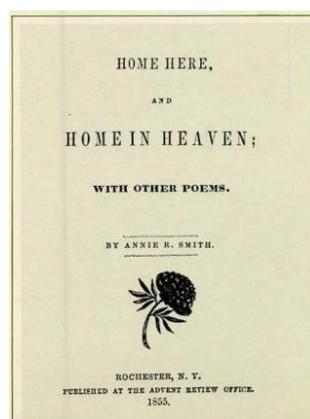
⁹ Rebekah Smith, *Poems: With a Life Sketch of the Life and Experience of Annie R. Smith* (Manchester, New Hampshire: John B. Clarke, Printer, 1871), 97, Project Gutenberg, accessed December 30, 2019, <http://www.gutenberg.org/files/34752/34752-h/34752-h.htm>.

¹⁰ GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

Um mês após o encontro com Bates, ela enviou um poema com o título "Fear Not, Little Flock," ("Não Temas, Pequeno Rebanho") para a revista *Review dos Adventistas do Sétimo Dia*, onde Tiago White era editor chefe, que apreciou imensamente o trabalho da jovem. Consequentemente, ele a convidou para colaborar na revista, marcando o início oficial de sua carreira na escrita pública. Junto com o poema ela enviou uma carta, cuja tradução livre segue: "É com muita relutância que envio esses versos para você sobre um assunto que, algumas semanas atrás, era tão estranho aos meus pensamentos. Sendo como que uma criança nessa gloriosa unção e oração." Ellen White fez uma observação sobre a chegada de Annie em uma carta a um amigo: "Annie Smith está conosco. Ela é exatamente a ajuda que precisamos e trabalha muito bem com o Tiago, ajudando-o bastante. Agora podemos deixá-la cuidar das publicações e podemos sair mais entre o rebanho."¹¹

Annie estava morando com o grupo de editores da revista em Saratoga Springs a apenas alguns meses quando eles se mudaram para Rochester. Pouco antes da mudança, ela completou vinte e quatro anos. Annie então se tornou uma colaboradora ativa da *Review* e do *Youth's Instructor*, contribuindo com poemas, hinos e a edição até sua morte, três anos e meio depois de tuberculose¹²

Annie estava planejando antes de sua morte publicar um livro de poemas. Seu irmão Urias voltou para casa em maio e a ajudou a copiar e organizar suas poesias para publicação. Assim que as flores desabrocharam nessa primavera, ele desenhou e gravou uma peônia, sua flor favorita, para colocar na página de título do livro dela.¹³



**Coleção de poesias de Annie foi finalizada dez dias antes de sua morte.
Fonte: Cortesia Ellen G. White Estate**

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

Annie Rebekah Smith foi a primeira poetisa de destaque na igreja Adventista do Sétimo Dia nos primórdios da sua história.

Desilusão Amorosa

Durante sua estadia em Rochester, Nova York, EUA, Annie conheceu o jovem pregador John Nevis Andrews, por quem começou a desenvolver sentimentos amorosos.¹⁴ Estes foram tempos angustiantes para a família editorial adventista e a congregação local em Rochester. A tuberculose estava se espalhando rapidamente, afetando jovens e idosos.¹⁵

Em novembro do ano de 1854, Annie retornou à sua casa em West Wilton, sofrendo dos primeiros estágios de tuberculose.¹⁶ Annie faleceu em Wilton em 26 de julho de 1855, aos vinte e sete anos de idade.¹⁷

A evidência de que John foi o objeto do amor de Annie e, conseqüentemente, sua desilusão amorosa, encontra-se em uma carta que Ellen G. White escreveu para ele um mês após a morte de Annie. Naquele momento, John estava cortejando a garota com quem eventualmente se casaria, Angeline Stevens.¹⁸

A parte da carta mais relevante para este estudo é citada a seguir:

“Agora vou compartilhar a parte que me foi ocultada enquanto estive com você. Percebi que, neste momento, a melhor decisão que você pode tomar é se casar com Angeline. Seria injusto com Angeline se você parasse por aqui, depois de ter chegado tão longe. O melhor caminho agora é seguir em frente, se casar e dedicar-se à causa de Deus o quanto puder. O desapontamento de Annie lhe custou a vida. Vi que você foi imprudente no caso dela, e tudo isso surgiu de uma visão equivocada que você tinha do Tiago. Você pensava que ele era severo e impaciente com os amigos de Paris¹⁹, e você se interpôs entre Annie e nós; simpatizou com ela em tudo. Seu interesse manifestado por ela foi

¹⁴ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

¹⁵ VALENTINE, G.M. J.N. Andrews : mission pioneer, evangelist, and thought leader. Pacific Press Publishing Association, 2019

¹⁶ GRAYBILL, Ron. “Annie Smith, Her Life and Love,” Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

¹⁷ VALENTINE, G.M. J.N. Andrews : mission pioneer, evangelist, and thought leader. Pacific Press Publishing Association, 2019

¹⁸ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

¹⁹ Paris é uma cidade e a sede do condado de Oxford, localizado no estado do Maine, Estados Unidos. Foi nesta cidade que J. N. Andrews possuía familiares e onde os White moraram, mantendo uma estreita relação com eles.

indevido e desnecessário, e mostrou que você tinha uma grande falta de confiança em nós.”²⁰(tradução da autora)

Nota-se que algumas dificuldades aconteceram entre a família de John N. Andrews e os Whites em Paris. A sugestão implícita da Sra. White é que, devido à crença de John de que Tiago White era excessivamente severo, ele mostrou uma simpatia excessiva por Annie Smith durante alguma dificuldade que ela teve com Tiago. Annie interpretou erroneamente essa simpatia como um afeto genuíno por parte de John, quando na verdade era mais uma reação à postura de oposição a Tiago White. Quando Annie percebeu a verdade, ficou profundamente arrasada.²¹

Ron Graybill(1975) registra uma coleção de poemas seculares escritos por Annie, os quais exploram a temática do amor não correspondido. Em um poema compartilhado com sua mãe, ela havia escrito:

"Meu destino tem sido aprender
Sobre a falsa amizade, que brilhante arderá
Quando a fortuna estende sua asa de luz
Mas desaparece quando chega a noite."²²
(tradução da autora)

Ser responsabilizado pela morte de Annie foi um fardo pesado para Andrews suportar, dado o risco de contrair tuberculose na casa dos Whites, mesmo sem a complicação do amor não correspondido. Tosse e o consumo de leite cru eram meios comuns de transmissão, embora não fossem compreendidos na época.²³

Como sugere Graybill(1985), no entanto, uma decepção emocional pode ter contribuído para comprometer o sistema imunológico de Annie. Também é possível que, se Andrews estivesse romanticamente interessado em Annie, sua sucumbência à temida tuberculose possa tê-lo persuadido de forma bastante transacional de que este não seria um relacionamento com futuro.²⁴

²⁰ Ellen G. White, 1LtMs. Lt 1,1855, par.3. <https://m.egwwritings.org/en/book/13961.20001463#2927010>

²¹ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

²² GRAYBILL, Ron. “Annie Smith, Her Life and Love,” Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage. <https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

²³ VALENTINE, G.M. J.N. Andrews : mission pioneer, evangelist, and thought leader. Pacific Press Publishing Association, 2019

²⁴ GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. J. N. Andrews: the man and the mission. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

Será que, como mencionado por Graybill (1985) no livro sobre J. N. Andrews, "a depressão aumenta a vulnerabilidade de uma pessoa a doenças..."?²⁵ Qual é a atual compreensão científica sobre esse assunto?

O Impacto da desilusão amorosa na saúde física e mental

Um estudo de Simon e Barrett (2010) examinou os efeitos das relações amorosas não matrimoniais na saúde mental de Jovens Adultos. Os resultados indicaram que o término dessas relações estava associado a um aumento significativo nos sintomas de ansiedade e depressão, sugerindo um impacto psicológico negativo.²⁶

Algumas pesquisas relacionam desilusão amorosa a dores físicas. Pesquisas conduzidas por Sbarra e Emery (2005) examinaram as consequências emocionais do término de relacionamentos amorosos, constatando que a dor emocional associada à desilusão amorosa pode ser semelhante a dor física. Os participantes relataram sentimentos intensos de tristeza, raiva e solidão após o término do relacionamento.²⁷

Eisenberger et al. (2003) também investigou a neurobiologia da rejeição social e seus efeitos no cérebro humano. Eles descobriram que a dor emocional causada pela rejeição social, incluindo a desilusão amorosa, ativa áreas cerebrais associadas à dor física, fornecendo insights sobre os mecanismos neurais subjacentes à experiência de uma desilusão amorosa.²⁸

Relacionado a isso um estudo realizado por Diamond e Hicks (2005) mostrou a relação entre o estilo de apego, segurança no relacionamento atual e emoções negativas após o término de um relacionamento amoroso. Os resultados sugeriram que a desilusão amorosa estava associada a sintomas físicos, como dores de cabeça, tensão muscular e fadiga crônica, devido ao estresse emocional prolongado.²⁹

²⁵ Ibid

²⁶ Simon, R. W., & Barrett, A. E. (2010). Nonmarital Romantic Relationships and Mental Health in Early Adulthood: Does the Association Differ for Women and Men?. *Journal of Health and Social Behavior*, 51(2), 168–182.

²⁷ Sbarra, D. A., & Emery, R. E. (2005). The emotional sequelae of nonmarital relationship dissolution: Analysis of change and intraindividual variability over time. *Personal Relationships*, 12(2), 213–232.

²⁸ Eisenberger, N. I., Lieberman, M. D., & Williams, K. D. (2003). Does rejection hurt? An fMRI study of social exclusion. *Science*, 302(5643), 290–292.

²⁹ Diamond, L. M., & Hicks, A. M. (2005). Attachment Style, Current Relationship Security, and Negative Emotions: The Mediating Role of Physiological Regulation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(4), 499–518.

Sobre como esses efeitos podem afetar o corpo, um estudo longitudinal de Lucas et al. (2003) investigou os efeitos a longo prazo do divórcio e do término de relacionamentos amorosos na saúde física e mental. Eles descobriram que eventos estressantes, como desilusões amorosas, podem ter consequências duradouras na saúde, destacando a importância do apoio contínuo e da intervenção terapêutica.³⁰

A relação entre desilusão amorosa e a resistência do corpo a doenças ainda não foi completamente compreendida, mas há evidências sugerindo que o estresse emocional pode afetar o sistema imunológico e, conseqüentemente, a resistência do corpo a doenças. Pode-se destacar um estudo realizado por Segerstrom e Miller (2004) que revisou a literatura sobre o impacto do estresse crônico no sistema imunológico. Eles encontraram evidências de que o estresse crônico pode suprimir a função imunológica, aumentando a suscetibilidade a doenças infecciosas e reduzindo a eficácia das respostas imunológicas.³¹

Um estudo de Kiecolt-Glaser et al. (2005) investigou os efeitos do estresse crônico resultante de conflitos interpessoais, incluindo desilusões amorosas, na função imunológica. Eles descobriram que o estresse crônico estava associado a uma resposta imunológica comprometida, incluindo uma diminuição na atividade de células imunológicas importantes.³² Portanto, a desilusão amorosa não deve ser subestimada, pois seus efeitos vão além do sofrimento emocional imediato, afetando a saúde física e mental de maneira profunda e duradoura. Esses achados destacam a importância de oferecer suporte psicológico adequado e desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes para mitigar os impactos negativos na saúde, promovendo assim um bem-estar integral e a recuperação dos indivíduos afetados.

Conclusão

Em sua breve, mas significativa vida, Annie R. Smith deixou uma marca indelével tanto no cenário religioso quanto literário do século XIX. Sua jornada desde os primeiros

³⁰ Lucas, R. E., Clark, A. E., Georgellis, Y., & Diener, E. (2003). Reexamining adaptation and the set point model of happiness: Reactions to changes in marital status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(3), 527–539.

³¹ Segerstrom, S. C., & Miller, G. E. (2004). Psychological stress and the human immune system: A meta-analytic study of 30 years of inquiry. *Psychological Bulletin*, 130(4), 601–630.

³² Kiecolt-Glaser, J. K., Loving, T. J., Stowell, J. R., Malarkey, W. B., Lemeshow, S., Dickinson, S. L., & Glaser, R. (2005). Hostile marital interactions, proinflammatory cytokine production, and wound healing. *Archives of General Psychiatry*, 62(12), 1377–1384.

dias de sua conversão até sua colaboração ativa com a Review e o Youth's Instructor foi marcada por uma busca constante por conhecimento e expressão artística.

Nascida em uma família de forte convicção religiosa, Annie foi moldada por eventos marcantes em sua juventude, como “O Grande Desapontamento de 1844”, que a levou a buscar uma educação mais sólida e aprimorar suas habilidades. Sua paixão pela escrita e pela arte a levou a contribuir para várias publicações, incluindo a renomada revista Review dos Adventistas do Sétimo Dia, onde seu talento foi rapidamente reconhecido e apreciado.

No entanto, sua vida também foi marcada por tragédias pessoais, incluindo uma desilusão amorosa e a subsequente deterioração de sua saúde. O impacto emocional dessa decepção amorosa pode ter contribuído para sua luta contra a tuberculose, uma doença que acabaria por tirar sua vida aos 27 anos de idade.

A história de Annie R. Smith nos lembra da complexidade da condição humana e da interconexão entre eventos emocionais e físicos. Suas experiências destacam a importância de compreender os efeitos psicológicos e fisiológicos das decepções amorosas e do estresse crônico, bem como a necessidade de apoio emocional e intervenções terapêuticas para promover o bem-estar integral das pessoas.

Embora sua vida tenha sido breve, o legado de Annie R. Smith vive através de suas contribuições para a literatura e o pensamento religioso de sua época. Seus escritos e sua coragem em enfrentar desafios pessoais continuam a inspirar e ressoar nos corações daqueles que buscam compreender a complexidade da experiência humana. Que sua memória seja honrada e seu exemplo seja lembrado como um testemunho de resiliência e determinação em face da adversidade.

Referências

KNIGHT, George R. **1844 and the rise of sabbatarian adventism**. 1. ed. Hagerstown, MD, USA: Review and Herald, 1994. 192 p., 28 cm. ISBN 0828008507.

GRAYBILL, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love," Adventist Heritage, Inc., "Adventist Heritage - Vol. 02, No. 1" (1975). Adventist Heritage.
<https://scholarsrepository.llu.edu/advent-heritage/3>

Rebekah Smith, *Poems: With a Life Sketch of the Life and Experience of Annie R. Smith* (Manchester, New Hampshire: John B. Clarke, Printer, 1871), 97, Project Gutenberg, accessed December 30, 2019, <http://www.gutenberg.org/files/34752/34752-h/34752-h.htm>.

WHITE, Ellen G. 1LtMs. Lt 1,1855, par.3.
<https://m.egwwritings.org/en/book/13961.20001463#2927010>

GRAYBILL, Ron. The Family Man. In: LEONARD, Harry. **J. N. Andrews: the man and the mission**. 1. ed. Michigan, MI, USA: Andrews University, 1985.

Simon, R. W., & Barrett, A. E. (2010). **Nonmarital Romantic Relationships and Mental Health in Early Adulthood: Does the Association Differ for Women and Men?**. *Journal of Health and Social Behavior*, 51(2), 168–182.

Sbarra, D. A., & Emery, R. E. (2005). **The emotional sequelae of nonmarital relationship dissolution: Analysis of change and intraindividual variability over time**. *Personal Relationships*, 12(2), 213–232.

Diamond, L. M., & Hicks, A. M. (2005). **Attachment Style, Current Relationship Security, and Negative Emotions: The Mediating Role of Physiological Regulation**. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(4), 499–518.

Eisenberger, N. I., Lieberman, M. D., & Williams, K. D. (2003). **Does rejection hurt? An fMRI study of social exclusion**. *Science*, 302(5643), 290–292.

Segerstrom, S. C., & Miller, G. E. (2004). **Psychological stress and the human immune system: A meta-analytic study of 30 years of inquiry**. *Psychological Bulletin*, 130(4), 601–630.

Kiecolt-Glaser, J. K., Loving, T. J., Stowell, J. R., Malarkey, W. B., Lemeshow, S., Dickinson, S. L., & Glaser, R. (2005). **Hostile marital interactions, proinflammatory cytokine production, and wound healing**. *Archives of General Psychiatry*, 62(12), 1377–1384.